

Turismo, Lazer e Natureza

Alcyane Marinho e Heloísa Turini Bruhns. Editora: Manole

por Aguinaldo César Fratucci

A leitura dessa coletânea de artigos organizados por Alcyane Marinho e Heloísa Turini Bruhns, a partir dos trabalhos do Grupo de Estudos de Lazer e Cultura (GLEC) do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, leva-nos a refletir sobre o quão complexo é o estudo do fenômeno turístico, mesmo quando recortado apenas a segmentos específicos como o ecoturismo ou o turismo rural. É interessante notar como esse fenômeno socioespacial característico da sociedade contemporânea, tem instigado tantos pesquisadores de tão diferentes áreas, a refletir e a buscar respostas às suas diferentes faces e interfaces. No caso específico da presente obra temos um filósofo, dois geógrafos e quatro pesquisadores ligados à área da educação física, navegando e percorrendo sobre as relações entre o turismo, o lazer e a natureza.

O primeiro texto, Alcyane Marinho percorre a discussão das ligações entre o turismo, o lazer e a natureza na sociedade atual, apontado "o corpo como foco de resistência, diante de suas inúmeras faces e interfaces, frente à complexidade vivida em nossa contemporaneidade". Inicia com um breve relato das questões do lazer, do



turismo e da forma de compreensão da natureza pelo homem através da linha do tempo, incorporando á elas a questão das inovações tecnológicas e suas interferências nas questões éticas e nas atividades humanas em geral.

A partir da análise da tendência para uma "aceleração crescente" do nosso cotidiano, a autora coloca-nos a cultura contemporânea como lúdica, com fortes traços tecnológicos e de espetáculo, levando-nos a refletir o quanto essa aceleração implica no "pânico de não fazer nada" já percebido na maioria dos seres humanos, especialmente aqueles inseridos nas grandes aglomerações urbanas. A síndrome do fim de semana que, de tão esperado e programado deixa de ser tempo de ócio, tornando-se um tempo "obrigado", regido por normas, horários e regras.

Nesse contexto, Marinho trabalha a possibilidade das práticas do ecoturismo serem mais que formas de consumismo da sociedade atual. Partindo das possibilidades de transgressões que as atividades de aventuras disponibilizam aos ecoturistas, propõe um olhar mais profundo e atento sobre as experiências dos seus corpos, onde não apenas o sentido do olhar (tão intensificado atualmente) deve ser

considerado, mas também os outros sentidos humanos, tais como as sensações de fadiga e exaustão, o contato da pele com o ar, a água, o olfato aguçado pelos odores da natureza, a audição dos sons dos animais como possibilidade de relaxamento.

No texto seguinte, Heloísa Turini Bruhns busca indicar "pistas" para a compreensão das novas práticas de esportes de aventuras, vinculados ao contato com a natureza, partindo do elemento da emoção como categoria de análise e observação. Para ela, a reflexão sobre essas novas práticas tem como pano de fundo questões relacionadas aos modelos da sociedade contemporânea. Para entendê-las é necessário termos em mente que o movimento e a aceleração são constantes da nossa sociedade.

Entretanto, não devemos nos limitar a esse recorte simplório da questão pois, segundo aquela autora, a possibilidade de aproximar-se de lugares antes inacessíveis tem vínculos com os ritos de passagem e de purificação. Ou seja, as práticas de esportes e atividades relacionados com a natureza permite, aos seus participantes, a retomada das emoções e da revalorização de outros sentidos corpóreos além do olhar. Assim, a pele assume o papel de fronteira e não mais de limite, no sentido em que passa a ser o elemento de ligação e religação entre as pessoas e a natureza.

As práticas junto à natureza são encaradas como experiências sensíveis, pessoais e duradouras, mas pausadas. O movimento lento, tão desvalorizado no dia a dia do homem contemporâneo, torna-se essencial para os praticantes vivenciarem essas experiências, transformando-as em formas de resistências. Daí o olhar dar lugar ao olfato e ao tato, com o corpo tornando-se um corpo informacional e não sendo mais apenas um instrumento de ação e coação. Por último, a autora assinala uma relação

entre as práticas de aventuras e os valores femininos. Para ela, essas práticas "carregam forte dose de valores femininos", como o sentimento de segurança, proteção, medo, entrega, etc.

Sandoval Villaverde dá seqüência à coletânea, com um texto onde busca apresentar pontos de reflexão sobre o lazer e o turismo, especialmente em relação às práticas vivenciais junto à natureza, buscando elementos de contato com questões da ética, da subjetividade e novas formas de sociabilidade. Nesse contexto, a atividade turística é entendida além dos parâmetros das atividades econômicas, chegando ao campo das "relações humanas e de relações de pessoas com os lugares e com a cultura", sendo portanto, uma prática social complexa e multifacetada.

O autor vê o turismo incluído no universo mais amplo do lazer, o qual está diretamente vinculado à vivência e à produção de cultura. O turismo gera um rico e complexo jogo de relações interpessoais que possibilitam o exercício daquilo que classifica como "ética relacional". Com base em Luchiari (2000), Yasigi (1999) e outros autores, levanta a discussão do uso indiscriminado do prefixo "eco" e aponta para a possibilidade de outra denominação para definir as práticas turísticas vinculadas à natureza, associadas às idéias de preservação e conservação de ecossistemas.

Num segundo momento, o autor apresenta uma reflexão sobre as potencialidades de novas formas de subjetivação e de sociabilidade que as práticas corporais lúdicas, vivenciadas em ambientes naturais, estão propiciando na atualidade.

No quarto texto da coletânea, o geógrafo Gilmar Mascarenhas de Jesus nos apresenta uma reflexão sobre "a leviana territorialidade dos esportes de aventuras:

um desafio à gestão do ecoturismo". Buscando salientar o desafio que as práticas de esportes de aventuras, desenvolvidas pelos consumidores do ecoturismo, provoca na gestão do meio ambiente, o autor busca identificar os diversos agentes dessas atividades e as relações, muitas vezes contraditórias, entre os discursos do segmento do ecoturismo e as práticas concretas que vêm ocorrendo, com cada vez mais freqüência, em áreas com meio ambiente natural ainda preservado e, por isso mesmo, privilegiadas e mais atraentes.

Num primeiro recorte, após uma contextualização do ecoturismo e dos esportes de aventuras, indicando seus momentos atuais, o autor nos leva a analisar as relações entre os discursos e as práticas de "turistificação" de novos lugares no Brasil, com intuito de permitir a práticas de atividades esportivas de aventura junto à natureza. O autor começa apresentando os três requisitos ou preferências que acabam por definir os lugares a serem incorporados pelo segmento: localidades pequenas, com relevos acidentados e próximos às grandes concentrações urbanas, áreas de emissão de praticantes das atividades de aventura junto à natureza. A seguir, elenca os principais pontos onde essas práticas estão sendo desenvolvidas no Brasil e, alerta para o fato de que a turistificação dessas pequenas localidades, deva merecer a atenção dos profissionais "preocupados com a dinâmica de formação de novos destinos turísticos".

Voltando ao seu foco principal, o autor sinaliza para a grande dificuldade do monitoramento dos impactos dessas atividades no meio ambiente natural, já que elas são difíceis de mapeamento, uma vez que, por sua própria natureza, estarem sempre procurando o novo, o desconhecido, criando uma territorialidade instável, ou leviana como ele prefere

denominar. Para tal empreitada, sugere um aprimoramento dos instrumentos teórico-conceituais, através de uma postura multidisciplinar e, a definição de uma metodologia de mapeamento e avaliação dos impactos socioambientais produzidos pelas atividades de aventura em ambientes naturais, não esquecendo da busca de novas estratégias de participação das comunidades locais nos processos de turistificação de novos lugares.

Partindo da exposição de uma série de lacunas existentes sobre os estudos dos impactos do turismo no Brasil, e, em especial, em relação à questão da capacidade de carga das áreas receptoras, Lília Seabra nos apresenta uma proposta para monitoramento de impactos de visitação e de capacidade de carga turística, tendo como objeto de estudo o distrito de Sana, localizado no município de Macaé-RJ.

Em um breve relato do estado da arte da literatura disponível sobre o turismo no Brasil, onde predominam os trabalhos que apontam para os impactos indesejáveis desse fenômeno, a autora chama a atenção para o trabalho de Dovey (1975), sobre as fases do processo de contato entre turistas e moradores de áreas receptoras, indicando-o como um possível instrumento de observação da situação atual das áreas receptoras brasileiras.

A seguir, discorre sobre a evolução dos conceitos e das metodologias de definição de capacidade de carga que, desde a década de 1940, vem merecendo a atenção de estudiosos e pesquisadores de vários países. Segundo ela, atualmente esses estudos incluem variáveis ambientais, socioeconômicas e socioculturais, dado que devem estar coerentes com as premissas do desenvolvimento sustentável e da sustentabilidade integral. A grande dificuldade está na construção de metodologias que sejam capazes de

trabalhar com todas essas variáveis. Um caminho sinalizado por ela, é a definição de indicadores de monitoramento, capazes de estabelecer o limite de suporte das áreas receptoras.

A autora parte então, para a apresentação da sua proposta de metodologia preliminar de capacidade de carga, ou "Monitoramento Participativo do turismo Desejável". Trata-se de uma proposta em construção, que muda o foco de atenção do turista-consumidor para a comunidade receptora, por entender ser ela quem deve e pode "responsabilizar-se pelo destino do turismo, pelos impactos e mudanças aceitáveis, pelo turismo e turistas desejáveis". Para isso, a aponta as três condições básicas: planejamento e gestão participativa, identificação do turismo desejável e reconhecimento do atrativo turístico como legado cultural.

Após a apresentação dos dez passos metodológicos em implantação no distrito do Sana, por ela classificado como "laboratório-piloto", Seabra conclui, enfatizando que essa proposta aposta "na gestão participativa comunitária e na valorização do patrimônio local" para disciplinar as práticas de recreação e aventuras, respeitando "os limites do meio ambiente natural e da comunidade receptora", estando em experimentação e aberta para absorver novas contribuições e críticas.

Partindo da constatação do turismo ecológico manter relações e interfaces com outras atividades, Pimentel vê como nítida e natural a proximidade entre aquele segmento e o do turismo rural. Para ele, as pessoas vêm buscando lugares onde é possível ter acesso à natureza sem deixar de ter as facilidades básicas de alimentação, repouso e transportes.

Após discorrer sobre os conceitos de turismo no meio rural, turismo rural e agroturismo, o autor propõe-se a investigar

as atividades recreacionais ou esportivas dentro do turismo no espaço rural, buscando "compreender e apontar possibilidades de experimentação do turismo no espaço rural em áreas naturais". Para ele, o aumento da procura pelo segmento do turismo rural está relacionado com o imaginário coletivo do campo enquanto local de relaxamento e de recuperação física e espiritual. Na prática desse tipo de turismo, as pessoas visualizam as possibilidades, complementares entre si, de contemplação da natureza e de intervenção corporal com o meio.

Para desenvolver suas investigações, o autor concentra-se em algumas atividades esportivas e recreativas práticas no campo: a pesca esportiva, o rodeio e o mountain bike, concluindo que os desafios de se estabelecer um modelo de turismo sustentável no meio rural são evidentes e crescentes, em todas as suas dimensões. Para ele, entretanto, "existem alguns pontos convergentes para repensar-se lazer, turismo e natureza em patamares apropriados à sustentabilidade desta relação".

No texto seguinte, Betrán discute as práticas de Atividades Físicas de Aventura na Natureza - AFAN, como uma nova forma de ócio ativo, característico da sociedade pós-moderna, a qual está estruturada a partir do paradigma ecológico, da tendência de uma demanda crescente para o turismo ativo e do caráter individualista da nossa sociedade atual. Para o autor, a teoria do tempo livre e do ócio, desenvolvida pelos neomarxistas franceses (Dumazedier, Touraine e Lafant) na década de 1970, onde "o ócio adquiriu um caráter liberalizante, hedonista, desinteressado e pessoal", está se reestruturando na sociedade pós-moderna, com eixo social estruturante deixando de ser o trabalho para ser o ócio, que ganha status de bem de primeira necessidade, transformando o estilo de vida do "homo ociosus".

Betrán afirma que "a própria estrutura do ócio se transformou, passando de férias de verão, uma vez por ano, para diversos períodos de férias, mais curtos, porém distribuídos ao longo do ano, além dos finais de semana e do tempo diário dedicado ao ócio". Nesse contexto, surgem novas demandas por novas satisfações e produtos diferenciados, onde se enquadram as AFAN, que invadiram a Espanha a partir da década de 1980.

Após desenvolver todo um detalhado sistema de classificação para as AFAN, Betrán ilustra suas propostas com um estudo de caso da região espanhola da Catalunha, pioneira na oferta de um número significativo de práticas componentes das AFAN. A seguir, amplia sua área de estudo para todo o território espanhol, onde as AFAN já se apresentam como mercadorias turísticas. Finaliza, colocando que um novo conceito de ócio ativo está em desenvolvimento naquele país, responsável por uma nova oferta turística estruturada no comércio "da diversão, da excitação e da experimentação do extraordinário no meio natural", ou seja, as AFAN.

A coletânea ora apresentada, possibilita ao leitor iniciar um processo de reflexão sobre as relações, os impactos e as variações da prática de atividades de lazer e recreação junto ao meio ambiente natural, a partir do trinômio turismo, lazer e natureza, num excitante exercício multidisciplinar, tão atual e necessário para a compreensão das novas tendências de ocupação, ordenamento e consumo de territórios onde o meio ambiente natural ainda é predominante.